

ENTRE A DOR E A ESPERANÇA



**ANA BEATRIZ MAGNO,
ALEXANDRE MEDEIROS
E ANDRÉ HIPPERTT**
comunica@adufrj.org.br

Enfrentar a pandemia é viver no desterro de um Brasil sem rumo. É uma espécie de exílio que nos aparta da vida real, da lida de carne e osso, e nos joga num continente de medo e horror. Professores e alunos da UFRJ estão desterrados desde 16 de março do ano passado, quando a universidade suspendeu as aulas presenciais e a terra do conhecimento se transformou num exaustivo mosaico virtual e luminoso que se acende a cada aula, a cada reunião, a cada telejornal com os números e notícias da tragédia brasileira.

Incansáveis, professores e alunos da maior universidade do Brasil se desdobram para transformar a angústia em compromisso e Ciência. Nos últimos 12 meses, centenas de docentes, estudantes e técnicos aceleraram pesquisas para ajudar no combate ao coronavírus, produziram milhares de litros de álcool em gel, criaram um sistema ágil de testagem e teceram uma potente rede de solidariedade interna e externa. “A gente sente uma responsabilidade de fazer tudo o melhor e o mais rápido possível para contribuir no enfrentamento da pandemia, com a consciência de que não podemos parar”, conta a professora Leda Castilho, do Laboratório de Engenharia de Cultivos Celulares da Coppe, uma das responsáveis pela pesquisa do soro anti-covid, feito com base em plasma equino, notícia alvissareira no tratamento da doença. “Nos últimos 12 meses, o único dia em que não trabalhei foi em 1º de janeiro”.

Em respeito ao compromisso dos 4.198 professores, 9.200 técnicos e 65 mil alunos da UFRJ com a Ciência, a Educação e a Cultura, o **Jornal da AdUFRJ** preparou uma edição especial sobre os desafios impostos à comunidade acadêmica desde março de 2020. São 18 páginas, intercaladas com vigorosos depoimentos de professores e ilustradas com desenhos de alunos do 5º ano do Colégio de Aplicação. Também recuperamos os principais fatos ocorridos no país e na UFRJ no último ano, homenageamos os mortos, celebramos a esperança estampada no rosto de cada um dos vacinados e reverenciamos o trabalho dos profissionais que es-

tão salvando vidas nos hospitais da universidade. “Sabemos da pressão no sistema de saúde. Entramos na guerra porque sabíamos que a guerra chegaria até nós, mas também por entender o nosso papel social”, conta Rosana Lopes Cardoso, diretora médica adjunta do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. “O papel do hospital público é atender a população”.

Com quase 3 mil mortes diárias e com uma cobertura vacinal ainda pífia, o Brasil entra no 13º mês de pandemia com o quarto ministro da saúde, e cada vez mais exige uma agenda firme de resistência ao genocida de plantão. “A pandemia nos tirou da rua e nos jogou em um arremedo de vida, uma vida virtual. A pandemia exigiu fortalecer as novas formas de luta e sindicalismo que defendemos desde 2015 na AdUFRJ”, resume a presidente do sindicato, professora Eleonora Ziller. “Não vamos desistir”.

Como ensinam as crianças em seus desenhos — espécie de oásis de delicadeza em tempos de brutalidade —, a vitória da esperança sobre a dor também depende de cada um de nós, de nossa empatia, resiliência, do uso de máscara, do distanciamento social e da valorização da Ciência, temas tão caros para a comunidade da UFRJ. “A UFRJ suspendeu as atividades presenciais não essenciais para proteger o corpo social e ajudar a diminuir a transmissão da covid-19”, explica a reitora, professora Denise Pires de Carvalho, primeira mulher a ocupar a reitoria, e que jamais imaginou passar mais da metade de seu mandato numa universidade desterrada de si mesma. “Os números estão muito graves. Não há como voltar agora. Temos de ter responsabilidade e reafirmar a importância da Ciência. Essa é a forma de construir a verdadeira sociedade do conhecimento, formada por pessoas com mais empatia e respeito ao outro e ao meio ambiente”.

Respeito e empatia traduzem a história do professor emérito da Letras, Edwaldo Cafezeiro, que, aos 90 anos de idade, comemora com a alegria de menino suas duas doses de imunização. “Me vacinei. Me senti muito bem, aliviado. Eu recomendo que todas as pessoas tomem a vacina para que tenhamos segurança e para que essa doença acabe logo”. Com o mesmo espírito de Cafezeiro, desejamos saúde, vacina já e boa leitura.



REDAÇÃO JORNAL DA ADUFRJ. EDIÇÃO ESPECIAL / EDIÇÃO: ALEXANDRE MEDEIROS, ANA BEATRIZ MAGNO, ANDRÉ HIPPERTT E SILVANA SÁ CHEFIA DE REPORTAGEM: ALEXANDRE MEDEIROS E KELVIN MELO REPORTAGEM: LUCAS ABREU E SILVANA SÁ ESTÁGIARIOS: KIM QUEIROZ E LIZ MOTA ALMEIDA DESIGN: ANDRÉ HIPPERTT TI: MARCELO BRASIL

OS INTERESSADOS EM RECEBER EM CASA A EDIÇÃO IMPRESSA DO JORNAL, PODEM ESCREVER UM E-MAIL PARA A ADUFRJ: secretaria@adufjrj.org.br



DEPOIMENTO

NELSON BRAGA
Instituto de Física

Lá no início, assim como muita gente, eu também achava que isso demoraria pouco tempo. Mas os dias foram passando e vimos que o ensino remoto seria a nossa realidade possível diante da gravidade da pandemia



Essa pandemia colocou a gente em um monte de situações diferentes em relação à vida pessoal e profissional, desde como limpar a casa e lavar roupa até preparar uma aula virtual. Lá no início, assim como muita gente, eu também achava que isso demoraria pouco tempo. Mas os dias foram passando e vimos que o ensino remoto seria a nossa realidade possível diante da gravidade da pandemia. Para quem já tinha alguma experiência em ensino a distância ou mais habilidades com o mundo virtual, pode ter sido mais fácil. Mas para mim foi muito difícil. E foi justamente em julho que eu comprei algo que mudou minha vida remota: uma mesa digitalizadora!

Passsei boa parte do mês de julho me adaptando a essa nova tecnologia. É até engraçado lembrar hoje desse início da minha evolução no meio digital. Eu comecei pensando em desenhar gráficos e escrever equações num caderno e escanear as páginas para mostrar aos alunos, mas logo vi que aquilo seria um sacrifício para eles e para mim. As imagens ficavam muito ruins para mostrar

Tenho a consciência de que estamos fazendo o que é possível. A outra opção seria não fazer nada, interromper aulas e tudo o mais. Mas isso estava fora de questão

em uma tela de computador, que dirá de um celular. Então essa mesa digitalizadora foi uma descoberta marcante desse período. Mergulhei em vídeos tutoriais do Youtube para saber como usar melhor os recursos do equipamento. Descobri, por exemplo, um programa que transforma a tela dessa mesa em um quadro verde. Os professores mais tradicionais como eu, sobretudo os físicos, preferem o bom e velho quadro-negro, com giz de boa qualidade. Então, para mim, foi como escrever num quadro-negro com giz de várias cores. Produzi vídeos curtos como se estivesse dando aula ao vivo, usando essa mesa digitalizadora. E meus alunos de bacharelado em Física, na disciplina de Mecânica Quântica 1, tiveram boa receptividade.

Foi um aprendizado fantástico, me senti fazendo uma reciclagem. Também sou coordenador de Pós-Graduação e posso dizer que o acúmulo de tarefas, no modo remoto, é bem cansativo. É muito mais pesado fazer todas as tarefas de trabalho de forma remota. Por outro lado, após uns dois ou três meses de confinamento, tive que me adaptar com relação à rotina de exercícios físicos. Como não saía quase de casa, não conseguia mais fazer nenhum tipo de atividade física. Começou a dar uma preocupação com a saúde. Então passei a correr 40 minutos por dia dentro de casa, dando volta em torno da mesa da sala, indo de um cômodo a outro etc. Incorporei esse hábito que mantenho já há mais de seis meses. A corrida em casa tem vantagens, eu faço sem máscara, no meio do meu dia de trabalho, tomo um banho logo depois. Não daria para fazer isso no Fundão. Hoje, diante do agravamento da pandemia, não tenho mais ideia de quando teremos o retorno do ensino presencial na universidade. Mas tenho a consciência de que estamos fazendo o que é possível. A outra opção seria não fazer nada, interromper aulas e tudo o mais. Mas isso estava fora de questão. E acho que muitos recursos que estamos usando no ensino remoto podem e devem ser aproveitados nas aulas presenciais, quando elas forem possíveis.

A MENSAGEM DE ESPERANÇAS DAS CRIANÇAS

Os desenhos que ilustram esta edição especial foram feitos por alunos do 5º ano do Colégio de Aplicação da UFRJ, em projeto que explorou as transformações pelas quais passou a cidade do Rio de Janeiro a partir de pandemias e endemias ao longo do tempo. A professora Caroline Trapp de Queiroz, uma das organizadoras do projeto, conta o que motivou o trabalho: "A ideia surgiu como uma forma de dar um fechamento e também uma materialidade ao conteúdo que estávamos trabalhando. Estudamos as reformas que ocorreram no Rio, conversamos sobre as fake news que já circulavam no passado e, como contraponto, abordamos as campanhas de vacinação. Sempre traçando um paralelo com o que estamos vivenciando hoje. A questão da circulação do ar foi justificativa para demolir o Morro do Castelo, no Centro, por exemplo. Na gripe espanhola, havia o debate sobre o uso de máscara, como ocorre hoje. A partir de toda essa trajetória, surgiu a ideia de eles fazerem suas próprias campanhas de conscientização para a vacina. Foram muito dedicados, participativos. E ficaram muito animados quando souberam que os cartazes estariam no jornal. São duas turmas, com 25 crianças cada. Agora, elas estão bastante ansiosas para ver o jornal com seus trabalhos. E muito curiosas com todo o processo de fazer o jornal".

PROFESSORES QUE ORGANIZARAM A PROPOSTA JUNTO ÀS CRIANÇAS:

CAROLINE TRAPP DE QUEIROZ (HISTÓRIA, GEOGRAFIA E CIÊNCIAS), FELIPE ANDRADE (EDUCAÇÃO FÍSICA)

COORDENADORAS DO SETOR MULTIDISCIPLINAR: ALESSANDRA NASCIMENTO E MARIANA ELENA



Editorial

Um ano em nome da vida

DIRETORIA DA ADUFRJ

(GESTÃO 2019-2021)

ELEONORA ZILLER

Presidente

FELIPE ROSA

1º Vice-presidente

CHRISTINE RUTA

2ª Vice-presidente

PEDRO LAGERBLAD

1º Secretário

MARCOS DANTAS

2º Secretário

JOSUÉ MEDEIROS

1º Tesoureiro

JACKSON MENEZES

2º Tesoureiro

Este é um número especial de nosso jornal. Para fazer um retrospecto desse ano da pandemia, buscamos o olhar de quem viveu o dia a dia da universidade, numa batalha silenciosa e dedicada. Acompanhando o depoimento dos professores e as reportagens, uma linha do tempo nos lembra os principais eventos desses meses: as batalhas que travamos e os desastres negacionistas do governo, as perdas e os crescentes números de uma tragédia que, infelizmente, ainda irá nos desafiar por um bom tempo. As ilustrações são de nossas alunas e de nossos alunos do 5º ano do CAP, numa colaboração inédita e que nos enche de esperança. O profundo desalento que muitas vezes experimentamos ao vivermos trancados em nossas casas só encontra remédio ao firmarmos os olhos no futuro. No futuro que se gesta em cada criança e em cada sopro de vida que teima em não se apagar. É aí que buscamos a força para permanecer. Talvez o objetivo seja grande demais, mas queríamos um jornal que afirmasse a vida em cada uma de suas páginas, num momento em que mergulhamos num dramático e desastroso quadro de crise sanitária jamais visto em nossa história.

Depois faremos um balanço mais detalhado das políticas institucionais, de como a UFRJ atuou e do que precisamos para avançar ainda mais. Também precisamos rever com mais cuidado o que conseguimos criar nessa nossa militância sindical virtual, o que ficará de lição para o futuro, o que poderemos levar para o nosso cotidiano, quando voltarmos a ocupar os campi e as ruas.



Mas, nesse momento, escolhemos dividir o espaço com quem fez a universidade existir, seja por quem mal chegou e teve que encarar o ensino remoto, ou por quem estava afastado para pós-doc, para quem tem filhos pequenos, para quem acumula suas atividades acadêmicas com cargos administrativos, porque a universidade se faz principalmente por quem nela trabalha. O vazio dos prédios contrasta com a intensa atividade de cada um de nós e tentamos dar voz a essa nova forma de vida que nos moldou nos últimos doze meses.

Fizemos uma outra escolha difícil: o principal do nosso assunto não é o presidente da República nem seus crimes. Ao menos nesta edição, não será ele e nem suas estúpidas declarações que irão ocupar o centro de nossas páginas. Não podemos silenciar nossa experiência e deixar que se escute apenas as sandices do pior governo do planeta. Mesmo que seja para criticá-las. Faremos isso, sim, mas não aqui. Aqui falamos os que lutaram para manter a universidade funcionando. Na maior parte das vezes, anonimamente. Essa é a nossa homenagem.

No momento, a tarefa maior é abraçar as iniciativas unitárias, reencontrar parcerias, construir ainda mais pontes e abrir portas. Temos a convicção de que o horror passará.

gem. Também aos nossos mortos, vítimas da fatalidade, mas também da insensatez que parece reger a vida pública nacional. Na próxima semana, voltaremos à carga. O governo é responsável por uma política genocida, sim! Dezenas de milhares de mortes poderiam ter sido evitadas no país. Repetindo: dezenas de milhares de mortes poderiam ter sido evitadas no país. Não recuaremos, seguiremos lutando por autonomia e pela liberdade de cátedra nas universidades, pelas liberdades democráticas e pela vida em nosso país.

No momento, a tarefa maior é abraçar as iniciativas unitárias, reencontrar parcerias, construir ainda mais pontes e abrir portas. Temos a convicção de que o horror passará. A vitalidade das forças sociais que construíram a universalidade do SUS, que defenderam a educação pública e gratuita, garantiram a Constituição de 1988 ir se sobrepor à pulsão de morte que hoje, como se fosse uma rede, cai sobre nossas cabeças e tolhe nossos movimentos. A questão principal é: quantas vidas poderemos poupar, quantas pessoas poderão encontrar abrigo e segurança nas próximas semanas?



DEPOIMENTO

JOSÉ ROBERTO LAPA E SILVA
Faculdade de Medicina

Passar do ensino presencial para o remoto foi como trocar o pneu com o carro em movimento. Entrei em isolamento no dia 12 de março, fiquei apenas uma ou duas semanas com minha turma de graduação de forma presencial



A pandemia pegou a todos nós de forma radical, nos forçando a adaptações difíceis. Ainda mais para quem, como eu, é da velha guarda. Tenho 45 anos de docência. Em março de 2020, eu completei com minha turma de faculdade 52 anos de entrada na UFRJ. Meu forte hoje é a pós-graduação e a pesquisa. Mas sempre fui ativo, e sou até hoje, na graduação. E é sobre ela que vou falar. Passar do ensino presencial para o remoto foi como trocar o pneu com o carro em movimento. Entrei em isolamento no dia 12 de março, fiquei apenas uma ou duas semanas com minha turma de graduação de forma presencial. Vim com minha esposa para uma casa de praia que temos em Barra de São João (RJ), onde estamos até hoje.

A atividade de graduação no ensino da Medicina é fortemente tutorial. Sou docente de uma disciplina do sexto período, Medicina Interna 2, em que os alunos rodam pela minha especialidade, que é a Pneumologia. Ela tem que ser cara a cara, beira de leito. A parte prática é a mais importante para o treinamento dos alunos. Ela é dada na enfermaria, junto ao paciente e ao staff médico, e minha função é dar o suporte acadêmico aos alunos, ensinando a colher uma história, a fazer um exame físico, discutindo os exames, propondo a conduta para cada caso. Em tempos normais, pelo menos duas vezes por semana eu estou na enfermaria com eles. Sempre fui de sala de aula e beira de leito. Mas, sem esse contato direto, o que fizemos? Criamos um grupo de WhatsApp e passamos a conversar também via Discord, uma plataforma digital que funciona muito bem por celular, por sugestão dos próprios alunos. E uma vez por semana, entre março e junho, fizemos sessões de discussão sobre casos clínicos de várias áreas. Foi uma atividade possível sem contato com o paciente e na qual os alunos puderam aprofundar alguns conteúdos importantes, como a arquitetura das entrevistas e a natureza das doenças. Foi muito produtivo, até do ponto de vista emocional, para que os alunos não ficassem desmotivados.

É impossível ensinar Medicina só virtualmente. Se eles não estiverem na beira do leito, não vão aprender. Não é uma questão meramente cognitiva ou intelectual

Já a partir de julho, os alunos de internato, nos dois últimos anos do curso, onde as aulas são basicamente práticas, voltaram a ter atividades presenciais. E eles tinham que estar na linha de frente naquele momento, que era o pior da pandemia até então. É impossível ensinar Medicina só virtualmente. Se eles não estiverem na beira do leito, não vão aprender. Não é uma questão meramente cognitiva ou intelectual. É um treinamento emocional pelo qual eles precisam passar para exercer a profissão. Para mim, isso se traduz em uma angústia profunda. Com o cenário que temos hoje da pandemia, eu não tenho a menor ideia de quando é que vamos poder voltar de fato às aulas presenciais. E isso é extremamente angustiante, sobretudo para os alunos que estão sendo diretamente impactados pela ausência da prática.

o desafio de SER PROFESSOR na pandemia

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Abrir turmas, receber os inscritos, preparar e dar aulas, seminários, estar atento aos estudantes, responder dúvidas, corrigir trabalhos, provas, exercícios, lançar nota, orientar... tarefas comuns à rotina dos professores, mas que foram dificultadas na pandemia. As relações entre docentes e alunos da UFRJ passaram a ser mediadas, desde agosto, por uma tela. Se, por um lado, não havia mais como permanecer com aulas suspensas, por outro, o retorno presencial continua impensável.

Uma das razões é o gigantismo da universidade. Não é exagero considerar que a UFRJ é uma cidade. São 4.218 docentes e cerca de 65 mil estudantes de graduação e de pós-graduação. Além de 9.153 técnicos-administrativos. Para efeitos de comparação, dos 92 municípios do Rio, 59 têm populações menores do que o somatório de alunos, docentes e técnicos da instituição. “O ensino remoto foi o jeito possível de retomar as aulas”, defende o professor Jorge Moraes, do curso de Farmácia de Macaé. “Mas não há como comparar com o presencial. A gente sabe pelo olhar do aluno quando ele está entendendo, quando não está entendendo, quando está disperso. A gente não tem esse feedback na aula virtual”, avalia o professor.

Para ele, um dos grandes impactos das aulas on line é a perda da interação social. “Nós estamos acostumados a lidar com gente, não com tela. É muito cansativo. Eu considero importante respirar o ar acadêmico”, destaca o professor. Dar aulas em casa, com dois filhos, é outro desafio. “Tem variáveis que são impossíveis de controlar”.

O ensino remoto pode ser desafiador até para quem pesquisa o tema. “Não teria como pensar que, neste contexto que estamos vivendo, esta seria uma

experiência tranquila”, revela Miriam Struchiner, professora Titular do Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde. Coordenadora do Laboratório de Tecnologias Cognitivas, ela trabalha há 30 anos com tecnologias educacionais e foi grande defensora do retorno das aulas em meio remoto. “Era mais que uma questão curricular, era uma preocupação humana. A gente nunca iria saber como estavam nossos alunos sem realizar atividades didáticas com eles”, acredita a docente.

Durante o PLE, ela atuou na graduação. “Fiquei muito surpreendida com a adesão dos alunos. Acho que eles estavam precisando desse contato. Foi um acolhimento mútuo muito importante para nossas relações e para a aprendizagem”, avalia. Em paralelo, também dava aulas na pós. “Tive que me repensar toda, de forma que os alunos fossem protagonistas”, afirma. O aprendizado foi positivo. “Quero levar essas experiências para repensar a prática no ensino presencial”.

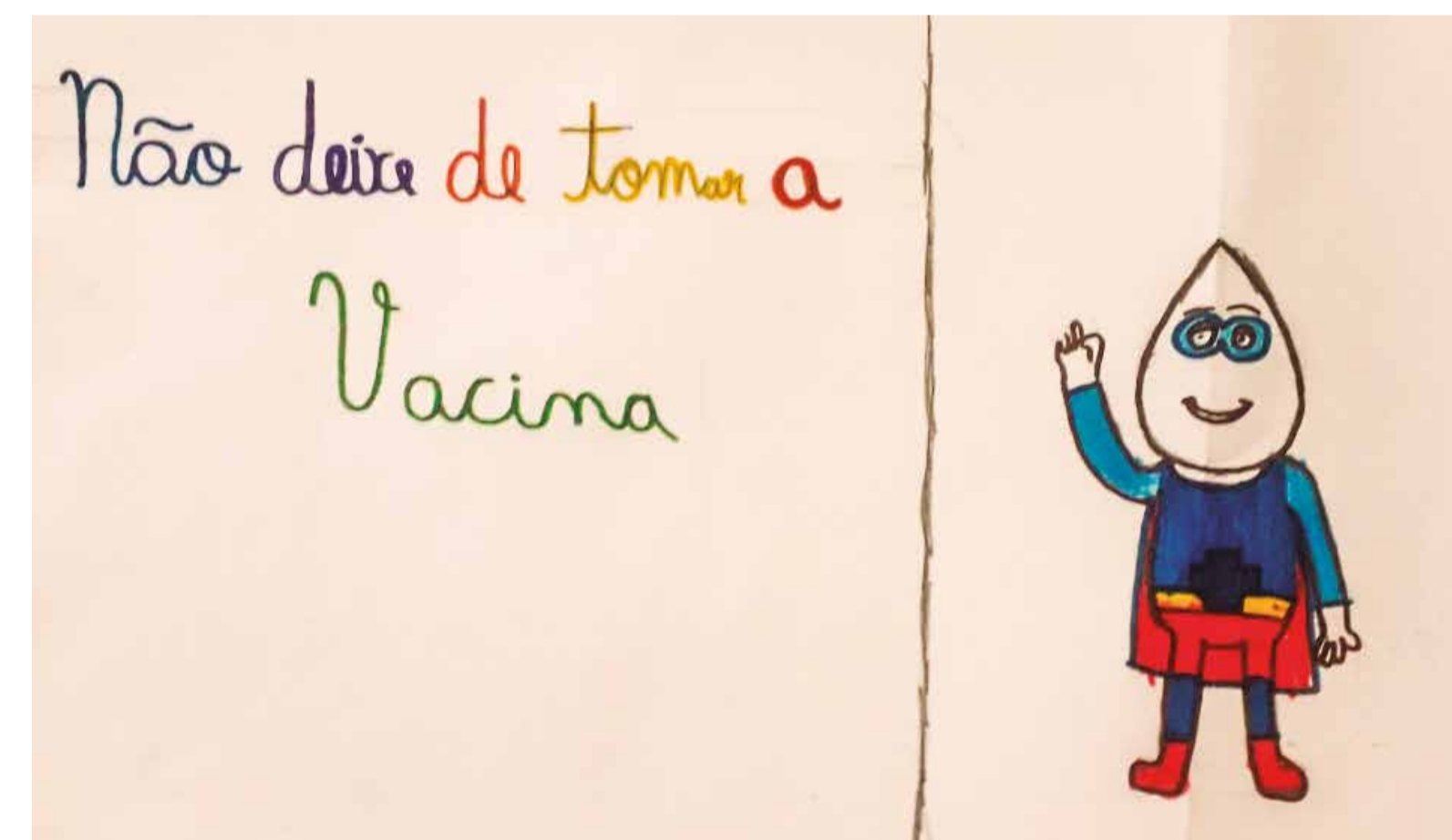
Além das aulas da graduação, da pós-graduação, da coordenação do labora-

tório, das pesquisas em andamento, a docente passou a ser convidada para lives e palestras sobre sua área de estudo: as tecnologias associadas ao ensino. “Foi muito gratificante acompanhar esse processo. Mas, ao mesmo tempo, trabalhar on line cansa muito mais. Falar com a tela do computador é muito mais desgastante. A extensão do horário de trabalho ao longo de um dia aumentou muito com a pandemia, não só pelas aulas, mas porque houve muito mais demandas”.

Se o ensino remoto já traz desafios para quem atua com jovens adultos, para professores da educação básica, as dificuldades são ainda maiores. “O primeiro sentimento foi um certo desespero”, relembra a professora Caroline Trapp de Queiroz, que dá aulas para o 5º ano do Colégio de Aplicação. “Uma série de dúvidas passou pela nossa cabeça. Desde as questões mais operacionais, até dúvidas conceituais. Como trabalhar a materialidade das coisas? Antes pegávamos, víamos as coisas, montávamos. E agora vemos tudo chapado no 2D da tela”, observa a professora.

Suas turmas são compostas por crianças de dez anos – que ilustram as páginas desta edição – e dar aulas sem ver o que elas estão fazendo é uma limitação. “Não temos como saber como a criança está escrevendo, nem conseguimos acompanhar como a criança está montando uma conta. Muita coisa do processo de aprendizagem fica pelo caminho”, lamenta. “Ainda assim, manter as aulas remotas é a decisão mais acertada”.

Caroline é substituta do CAP. Seu contrato se encerra em abril, no final do ano letivo de 2020. Ela concilia dois trabalhos. Em outra escola, atua de forma presencial. “O medo é uma constante”, lamenta. A escola onde trabalha é de elite e tem rígidos protocolos de segurança. “Ainda assim, é muito difícil controlar as crianças. Nossa cultura é a do toque, do afeto”. Para chegar ao trabalho, ela usa transporte coletivo. “A gente não tem um governo que entende que precisa auxiliar as pessoas num momento em que a taxa de desemprego está enorme e o custo de vida está caríssimo. Você se arrisca porque precisa”.



LINHA DO TEMPO DA PANDEMIA Fonte dos números: JHU CSSE COVID-19 Data / Consórcio de veículos de imprensa

2020 – **201 MORTES**
março

11 – OMS declara pandemia de covid-19

13 – Governo estadual e Prefeitura do Rio anunciam quarentena

16 – A UFRJ suspende atividades presenciais por 15 dias. Corredores e salas ficam vazios



17 – Primeira morte por covid-19 no país



18 – Greve Nacional da Educação – pela primeira vez, em formato virtual.

2020 – **5.513 MORTES**
abril

15 – Conselho de Ensino de Graduação da UFRJ cria comissão para discutir cenários para retorno das aulas da graduação

16 – O ministro da Saúde Henrique Mandetta é demitido por Bolsonaro. O médico Nelson Teich assume a pasta



20 – Bolsonaro se refere à covid-19 como “gripezinha”

20 – AdUFRJ estreia o “Sextou – Tamo Junto” - encontro virtual entre os docentes sobre um tema da atualidade na pandemia



22 – Bolsonaro minimiza a pandemia e afirma que o número de mortes será menor do que as de H1N1 no ano anterior (que vitimou 796 pessoas)

23 – UFRJ começa a fabricação de álcool 70° e face shields para os hospitais e profissionais da linha de frente



24 – Bolsonaro cita seu “histórico de atleta” e insiste que covid-19 é “gripezinha”

20 – “E daí?”, debocha Bolsonaro sobre os 5 mil brasileiros mortos



24 – O ex-juiz Sergio Moro pede demissão do Ministério da Justiça e acusa Bolsonaro de interferência na Polícia Federal



28 – “Não sou covão”, responde o presidente da República ao ser questionado sobre o recorde de mortes em 24h, que fez o Brasil ultrapassar a China em números absolutos





DEPOIMENTO

ALBERTO PUCHEU
Faculdade de Letras

Subitamente, tomamos consciência da devastação da pandemia estimulada pelo governo que nos assola. Tudo foi cancelado, menos o pós-doutorado



Março de 2020 inauguraria bons acontecimentos. Começaria um pós-doutorado para concluir o livro de minha pesquisa. Eu também comprara passagens para participar do lançamento do livro de Carlos de Assumpção, por mim organizado, e assistir à estreia da peça Na Boca do Vulcão, da Companhia Polifônica, que encenaria meu poema "Para que poetas em tempos de terrorismos?". Havia, ainda, sido convidado para a Feira Panamazônica de Literatura, que homenagearia Vicente Cecim, sobre quem eu fizera um filme. Estenderia a viagem para filmar Márcia Kambeba, Elizeu Braga e outros poetas amazônicos.

Berramos em vão. Não assustamos mais ninguém com nossos berros. São eles, antes, os inassustáveis, que nos assustam



2020 – **26.702 MORTES**
maio

4 – Covid mata o grande músico Aldir Blanc

7 – Marcha Pela Ciência reúne milhares de pessoas em todo o Brasil, com protestos virtuais



8 – UFRJ promulga Portaria n.º 3.188, de 4 de maio, que regulamenta o trabalho remoto. Docentes e técnicos criticam a medida

15 – Nelson Teich pede demissão do cargo de ministro da Saúde menos de um mês depois de sua nomeação

15 – Em defesa da Educação, a sociedade adere a protestos e campanhas nas redes sociais pelo adiamento do Enem, um ano depois do maior ato de rua contra o governo Bolsonaro



20 – Pressionado, MEC adia o Enem

20 – Conselho de Ensino e Graduação estuda abrir disciplinas eletivas remotas apenas para formandos

21 – Reitoria suspende portaria do trabalho remoto e cria GT para formular outra regulamentação, com participação dos sindicatos



2020 – **56.352 MORTES**
junho

19 – Conselho de Ensino e Graduação autoriza aulas remotas para toda a graduação. Pós-graduação aprova novo calendário

19 – Weintraub embarca às pressas para os EUA, para se livrar de uma condenação pelo envolvimento no inquérito das fake news e pela afronta ao STF nas redes sociais



20 – A exoneração do pior ministro da história é publicada em edição extra do Diário Oficial da União, após a notícia de que ele conseguiu desembarcar nos EUA



5 – Covid mata o ex-reitor da UFRJ, professor Carlos Lessa

10 – Abraham Weintraub, então ministro da Educação, envia ao Congresso MP que ressuscita a figura do "reitor biônico" da ditadura

12 – Davi Alcolumbre, então presidente do Senado, devolve a MP ao Planalto. Desde 1988 apenas três MPs foram devolvidas ao Executivo nacional. Bolsonaro revoga o texto

25 – Bolsonaro anuncia o professor Carlos Decotelli como novo ministro da Educação

26 – **Jornal da AdUFRJ** desmascara Decotelli. Reitor da Universidad de Rosário (Argentina) informou com exclusividade que o ministro teve sua tese reprovada

30 – Pressionado, Decotelli pede demissão do MEC.



o desafio de

SER ESTUDANTE na pandemia

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Aulas síncronas, assíncronas, novos termos que foram adicionados ao vocabulário dos estudantes. Além disso, provas, trabalhos, seminários... tudo mediado por uma tela de computador. Às vezes, de celular. Assim tem sido a realidade dos estudantes da UFRJ, desde o início das aulas remotas. "O que mais me incomoda é a instabilidade da rotina. Alguns professores gravam aula, outros não gravam e organização no dia a dia é complicada", desabafa Antônia Velloso, do sexto período de História. Além dos compromissos para sua formação, Antônia, de 21 anos, é representante discente. Participa do DCE, é conselheira do CEG e integra os GTs Pós-Pandemia e Volta às Aulas. "É uma das coisas que mais me ensina na vida", ela diz. Mas isso tem um preço. "Fico com dificuldades de puxar determinadas disciplinas, então tenho procurado professores que gravam conteúdos, para conciliar todas as minhas atividades. Pego disciplinas de manhã, de tarde e de noite, a depender das vagas disponíveis. Normalmente, estudo entre os turnos, de 12h às 14h ou de 17h às 19h", conta.

O ensino remoto a afastou dos colegas. "Não tem as conversas nos corredores, é um prejuízo muito grande", avalia. Já com os professores, há o risco de não conhecê-los pessoalmente. "Agora, nesta fase do curso, eu já começo a pensar em orientação para meu TCC, mas não consigo encontrar aqueles que fazem pesquisas na minha área de interesse", lamenta. Mas nem tudo é prejuízo. "O ensino remoto possibilitou também novas experiências de aprendizado, que trazem para a gente a reflexão sobre como melhorar ou criar novas possibilidades de ensino".

Danielle Ramires, de 23 anos, cursa o sétimo período de Letras (Português-Francês) e acredita que o ensino remoto foi bom para sua organização. "Ajudou,

"Não tenho um sono de qualidade, porque a gente fica muito, muito tempo diante da tela. Estou tendo enxaqueca rotineiramente"

DANIELLE RAMIRES
aluna de Letras

de certa forma, não precisar de deslocamento", diz. Mas o desgaste com o uso do computador afetou sua saúde. "Não tenho um sono de qualidade, porque a gente fica muito, muito tempo diante da tela. Estou tendo enxaqueca rotineiramente", revela.

As duas semanas de descanso entre os semestres letivos não foram suficientes, para a estudante. "Acho estranho, no meio de uma pandemia, a gente ter um calendário que afeta ainda mais nosso emocional e nossa saúde física", critica. "Pra mim, foi muito simbólico começar a inscrição de disciplinas no primeiro dia de recesso. Tenho a sensação de que estou correndo uma maratona enquanto estou sentada numa cadeira. É impossível dar conta de todo o conteúdo do semestre em três meses de uma forma saudável".

Juliana Bittencourt, de 23 anos, entrou na reta final de seu curso. No oitavo pe-

ríodo de Rádio e TV, a estudante divide seu tempo entre a faculdade e o trabalho, também na modalidade remota. "Gastava três horas pelo menos de deslocamento entre a minha casa, o trabalho e a ECO. Então, 'ganhei' três horas no meu dia. Pude cursar matérias de outras habilitações, disciplinas em outros horários e enriqueci mais a minha formação", avalia. Ela também destaca a adaptação das disciplinas de seu curso para o meio virtual. "Houve uma adaptação de fatos nas disciplinas e os professores entenderam que algumas matérias não poderiam ser ofertadas no modelo remoto", elogia a aluna. "Óbvio que o presencial não pode ser substituído, mas não podemos descartar os aspectos positivos dessa experiência remota. Mas falo de um lugar muito particular, de alguém que não tem dificuldades de conexão, que dispõe de espaço para estudar e de equipamentos para acompanhar as aulas".





DEPOIMENTO

ANDREA DA POIAN
Instituto de Bioquímica
Médica (IBqM)

Temos uma escala que permite no máximo oito pessoas por dia, e ainda assim em horários alternados. Nosso trabalho é muito experimental, tem que ser feito no laboratório



Vou optar por abordar duas experiências positivas durante esse ano de pandemia: minhas atuações na pesquisa e no Prof Bio, um mestrado profissional. Vou começar pela pesquisa porque tem a ver com a covid-19. Fui chamada, no início da pandemia, para participar de um estudo internacional sobre a estrutura das proteínas do Sars-CoV-2. E foi um desafio voltar ao laboratório em segurança para fazer parte desse consórcio internacional, estudando uma das proteínas que participa do processo de replicação do coronavírus. Convidei duas alunas minhas de doutorado para participar do projeto. Nesse mesmo momento, o IBqM criou um grupo de trabalho para discutir nossas ações em várias frentes e uma delas foi estabelecer protocolos de segurança para o trabalho nos laboratórios. No início era um grupo pequeno. Mas, gradualmente, outros alunos foram voltando também. Temos uma escala que permite no máximo oito pessoas por dia, e ainda assim em horários alternados. Nosso trabalho é muito experimental, tem que ser feito no laboratório.

Não ficamos imobilizados na pandemia, as pesquisas não pararam. Como

reflexo daquele consórcio internacional, desenvolvemos um ensaio próprio, aprovado em setembro no Comitê de Ética, usando a proteína que estávamos estudando para fazer a testagem de todo o IBqM. Fizemos uma primeira coleta de todo mundo, levantando um panorama de quem teve ou não contato com o vírus. E estamos na segunda fase, testando todos de novo para ver se alguém teve contato com o vírus nesse meio-tempo. Com isso a gente mede quantos assintomáticos existem, quantos tiveram sintomas, vai atrás dos contactantes de quem testou positivo para ver a cadeia de transmissão. E, no caso dos positivos, estamos observando a duração das respostas do organismo ao longo do tempo, se os anticorpos diminuem ou se mantêm, se outros tipos de anticorpos surgem. São 250 pessoas envolvidas nesse ensaio. Agora, com os primeiros vacinados, estamos vendo também a resposta à vacina. Os dados do ensaio podem gerar em breve um artigo científico. Isso é animador.

Outra experiência positiva foi o mestrado profissional em ensino de Biologia. Ele é feito em rede nacional, englobando 20 instituições, e é destinado a professores de Biologia do Ensino Médio da rede pública. E eu tive de adaptar uma das disciplinas, que eu coordeno, que engloba a parte molecular. A ideia é mostrar aos professores das escolas como foram construídos os conceitos básicos da Biologia, para que eles dominem esses conceitos e possam aprimorar a forma como são dadas as aulas em suas turmas. Nós conseguimos transformar o roteiro original do mestrado, onde há muitas atividades em laboratório, para um modelo que pudesse ser eficiente remotamente. E, incrivelmente, deu muito certo, com participação maciça e aulas muito legais. Foi uma experiência altamente produtiva.

Fui chamada, no início da pandemia, para participar de um estudo internacional sobre a estrutura das proteínas do Sars-CoV-2. E foi um desafio voltar ao laboratório em segurança

o desafio de

SER PESQUISADOR na pandemia

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Apandemia colocou a Ciência no centro das discussões da sociedade. O desenvolvimento científico é a maior arma para enfrentar a covid-19, e a rotina dos pesquisadores foi alterada em todos os campos do conhecimento. Quem lida diretamente com pesquisas ligadas ao combate à doença se viu diante de desafios urgentes, mas outras áreas de pesquisa também foram afetadas, seja por demandas da sociedade e até pelo isolamento social, que mudou o fluxo de trabalho. Todos têm em comum o cansaço nesse ano de trabalho incessante e confinamento.

“Por uma razão boa, que é o fato de as pesquisas estarem dando certo e encontrando aplicações práticas, a carga de trabalho é imensa”, desabafou a professora Leda Castilho, do Laboratório de Engenharia de Cultivos Celulares da Coppe. As pesquisas em questão são a produção em escala piloto da proteína que recobre a superfície do vírus e seu uso no desenvolvimento de testes sorológicos e de uma vacina contra o coronavírus. Além disso, a proteína também tem sido usada pelo Instituto Vital Brazil para desenvolver um soro equino para combater a covid-19. “A gente sente uma responsabilidade de fazer tudo o melhor e o mais rápido possível para contribuir no enfrentamento da pandemia, com a consciência de que não podemos parar”, contou a professora, que disse tirar daí a força para uma densa rotina de trabalho: “Nos últimos 12 meses, o único dia em que não trabalhei foi em 1º de janeiro”.

Leda Castilho explicou que mudar o foco do seu trabalho para o coronavírus não foi tão complicado. “O que estamos fazendo é muito semelhante ao que já fazíamos para proteínas de outros vírus e para outras proteínas que são usadas como medicamentos”, contou a professora. “O meu laboratório trabalha

que buscou se antecipar às questões da pandemia”, elogiou o professor. A experiência de trabalho multidisciplinar é um dos trunfos apontados pelo docente para o sucesso do GT. “É um problema extremamente grave, que afeta a todos, o que nos permitiu ter uma agenda de trabalho comum”, exaltou Travassos, que vê no aprendizado coletivo um ganho para o futuro. “Foi um ano desafiador e de transformações. Problemas extremamente complexos ficaram menos complexos graças à soma das cabeças brilhantes que temos nos diferentes centros da UFRJ. Se tirarmos proveito disso, teremos uma revolução científica na UFRJ, porque quebramos o conceito das ilhas, e estabelecemos um continente científico dentro da nossa universidade”.

LEDA CASTILHO
Professora da Coppe

A pandemia exigiu o melhor da Ciência em todas as suas áreas. Guilherme Horta Travassos é professor do Programa de Engenharia de Sistemas e Computação da Coppe, e faz parte do GT Coronavírus da UFRJ desde o primeiro momento. Sua principal colaboração foi a criação do covidímetro, ferramenta utilizada para monitorar a pandemia no Rio de Janeiro. “Eu sempre estive envolvido com a solução de problemas, mas nunca de um problema tão insano quanto essa pandemia”, contou o professor. “Caí na vertente tecnológica do grupo, e busquei contribuir trazendo a pegada tecnológica. É um grupo formado por mentes brilhantes,

desafio de mostrar que não existe essa contradição, e que devemos buscar formas de minimizar os custos econômicos da pandemia”.

Na avaliação da professora Marta, foram dois os principais problemas enfrentados pelos pesquisadores durante o isolamento social. “Perdemos uma parte do convívio que era frutífero para as reflexões e para o desenvolvimento dos trabalhos. A falta de convívio social atrapalha um pouco por tirar essa possibilidade de troca”, observou. O segundo problema é o que ela chamou de “perda das fronteiras do que é tempo e lugar de trabalho”, o que faz com que as jornadas de trabalho sejam mais intensas e mais longas. “Estamos trabalhando mais e necessariamente estamos sendo mais produtivos”, resumiu.

Para o diretor do Instituto de História, Antônio Carlos Jucá Sampaio, os arquivos públicos fechados estão atrapalhando as pesquisas de sua área. “Há muitos pesquisadores que estão com as suas pesquisas paradas por não poder acessar documentos históricos”, contou. Outro problema relatado pelo diretor é a falta dos eventos tradicionais da área. Mas, ao mesmo tempo, o isolamento social e a adoção de tecnologias de comunicação trouxeram uma nova possibilidade. “Estamos fazendo outros tipos de eventos, virtuais, com a presença de convidados internacionais, inclusive. E esse tipo de evento tem possibilitado mais ações de extensão ligadas à história pública. Nesse diálogo com a sociedade, o historiador constitui e reconstrói seus objetos de estudo”.

Na avaliação do professor Ildeu de Castro Moreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, o saldo é de um ano ruim para a ciência brasileira. “Um ano extremamente complicado. Ruim do ponto de vista da postura do governo e dos cortes no investimento em Ciência, apesar da pandemia”, criticou o professor. “As universidades, institutos de pesquisa e pesquisadores estão tentando se desdobrar para enfrentar a pandemia em condições muito difíceis, porque é um governo federal negacionista”. Ildeu defendeu que os investimentos em Ciência e Tecnologia são um caminho não só para a saída da pandemia, mas para o avanço do país. “A Ciência e Tecnologia são importantes para a sociedade, para a economia do país, para o uso sustentável das suas riquezas e potencialidades. Espera-se que, em um momento como esse, a maior parte da sociedade brasileira se dê conta disso”.



2020 – **88.010 MORTES**

julho

16 – O pastor Milton Ribeiro assume o MEC



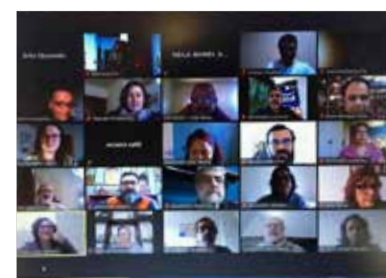
9 – Consuni aprova volta remota às aulas da graduação e cria o Período Letivo Excepcional (PLE)

13 – AdUFRJ realiza evento virtual para discutir o papel docente e os desafios do ensino remoto na pandemia. Mais de cem professores participaram das discussões

14 – Começa o Festival do Conhecimento da UFRJ. Evento durou dez dias com atividades virtuais. A AdUFRJ participou do festival com a organização de três debates



21 – Aprovado novo Fundeb (fundo da educação básica). Articulação do Observatório do Conhecimento, movimentos sociais e parlamentares foi central para derrotar a proposta do governo



27 – Acontece a primeira assembleia virtual da AdUFRJ

2020 – **116.714 MORTES**

agosto

8 – Brasil ultrapassa marca de 100 mil mortos pela covid-19



24 – Começam as aulas remotas da graduação da UFRJ, no Período Letivo Excepcional (PLE)

31 – Governo encaminha ao Congresso PLOA com corte de 16,5% no orçamento das universidades. A UFRJ perde R\$ 63,5 milhões, em comparação com 2020



DEPOIMENTO

ELAINE SOBRAL DA COSTA
Instituto de Puericultura e
Pediatria Martagão Gesteira
(IPPMG)

Até o final de julho, fiquei separada de meu filho e de meu marido. Só via meu filho no quintal... Foi uma experiência dura, alguns dias coletando swabs de 8h às 16h sem beber água, sem ir ao banheiro, sem comer



Desde março de 2020 eu vinha trabalhando como voluntária no Centro de Triagem Diagnóstica de covid-19 da UFRJ, o CTD ou Bloco N. Foi uma experiência dura, alguns dias coletando swabs de 8h às 16h sem beber água, sem ir ao banheiro, sem comer. Ao mesmo tempo, foi incrível porque trabalhei lado a lado com os nossos alunos e outros docentes, sob o comando da professora Terezinha Marta, assistindo a profissionais de saúde e segurança de todo o Rio de Janeiro.

Até o final de julho, fiquei separada de meu filho e de meu marido. Só via meu filho no quintal. Em agosto, deixei o CTD, tive minha família reunida e começava a nova etapa de aulas *online*. Eu coordeno a disciplina Clínica Pediátrica II, junto com a professora Fernanda Mariz, no 8º período de graduação em Medicina. Tivemos que nos virar para aprender a

manejar as ferramentas, e a dar suporte para outros professores que atuam na disciplina. Anteriormente à pandemia, eu vinha colocando material bibliográfico, questões e casos clínicos no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). Mas daí a ter o curso inteiro virtual, foi um grande salto.

Os alunos voltaram com muita garra para aprender. Houve uma clara perda, porque as atividades práticas só voltaram para os internos. A nossa disciplina perdeu as práticas ao vivo. Houve também ganhos que eu não imaginava. Nós deixamos as aulas teóricas gravadas, para serem assistidas em casa em qualquer momento, e utilizamos o horário dessas aulas para discussão de casos clínicos. Essas discussões foram riquíssimas. Fizemos também algumas atividades integradas com mais de um professor de diferentes áreas. Em todo esse tempo eu segui trabalhando presencialmente no Instituto de Pediatria, o IPPMG, ou lpepê como a gente gosta de chamar. Tinha uma certa correria, às vezes entrava *online* ainda de máscara, tensa se a internet estaria funcionando, às vezes corria para casa para poder entrar com uma rede mais estável. Tudo isso sem o olho no olho, ou até sem a voz dos alunos, que usam muito o chat para se comunicar. E por ora seguimos assim...

Os alunos voltaram com muita garra para aprender. Houve uma clara perda, porque as atividades práticas só voltaram para os internos. A nossa disciplina perdeu as práticas ao vivo

2020 – **136.694 MORTES**
setembro



7 – UFRJ faz cem anos e AdUFRJ lança edição especial do seu jornal

10 – CEG aprova novo calendário acadêmico da graduação. Período 2020.1: de 30 de novembro de 2020 a 6 de março de 2021. Período 2020.2: de 22 de março de 2021 a 12 de junho de 2021. O ano letivo de 2021 começa em 28 de junho

30 – Morre Quino, criador da Mafalda



o desafio de

SER DA LINHA DE FRENTE na pandemia

LUCAS ABREU
lucas@adufjr.org.br

Quando todos procuram se isolar, eles foram ao trabalho. Profissionais de saúde da linha de frente de combate à pandemia têm se desdobrado pelo Brasil para salvar vidas. Na UFRJ não foi diferente. Desde a criação do GT Coronavírus, a universidade assumiu seu papel social na defesa da vida, e preparou-se para receber pacientes com a covid-19. Leitos de CTI foram abertos no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, outras unidades de saúde se prepararam para o aumento da demanda e a universidade criou o Centro de Triagem Diagnóstica (CTD).

No Hospital Universitário, as adequações para receber os pacientes de covid-19 no começo da pandemia não foram simples. “Pouco se sabia sobre como seria a evolução da doença, qual seria o pico de casos, quanto tempo durava. Então fazíamos mudanças constantes, quase que diárias, no fluxo de trabalho e nas estratégias”, contou o professor Marcos Freire, diretor do HU. Ele explicou que houve uma adaptação do espaço, para que os setores de atendimento de pacientes com covid-19 ficassem isolados dos demais. O hospital chegou a abrir 60 leitos de CTI para o atendimento durante a pandemia. Hoje, são 32 de CTI, todos ocupados até o fechamento desta edição, e 34 de enfermarias exclusivos para a doença. “Estamos nos preparando para abril e maio, que devem ser meses complicados”, informou o professor.

Para Marcos Freire, o trabalho feito pelo HU no último ano foi muito importante, especialmente se analisados os resultados. Com base nos dados do painel informativo criado pelo HU, até a quarta-feira (17), haviam sido atendidos 997 pacientes com suspeita de covid-19, dos quais 760 foram confirmados. O índice de letalidade de pacientes internados com a doença na unidade foi de 32,5%. “Fomos uma das únicas unidades do país a ter essa transparência nos dados, e uma das menores mortalidades”, exaltou o

professor. “Acredito que somos uma das melhores unidades na pronta resposta ao atendimento na pandemia”, defendeu o professor, que aproveitou a ocasião para exaltar toda a equipe do hospital.

A diretora médica adjunta do HU, Rosana Lopes Cardoso, também engrandeceu o empenho de toda a equipe. “Não só a equipe assistencial, que brilhou e fez um ótimo trabalho, mas toda a estrutura administrativa, que é gigantesca, teve um comprometimento enorme”, defendeu a professora. “O sistema público é tão descredenciado, mas esses servidores públicos e terceirizados exerceram um serviço público sob as maiores adversidades”, contou Rosana, que atribuiu ao empenho de todos os funcionários do HU o êxito no atendimento durante a pandemia.

“Sabemos da pressão no sistema de saúde. Entramos na guerra porque sabíamos que a guerra chegaria até nós, mas também por entender o nosso papel social. O papel do hospital público é atender a população”, contou Rosana, lembrando que a decisão de receber pacientes com coronavírus foi da UFRJ. Médica intensivista, a diretora médica adjunta é chefiada pelo infectologista Alberto Chebabo, diretor médico do hospital. “São as especialidades mais afins ao enfrentamento da pandemia”, disse a médica.

Rosana Lopes Cardoso falou também do trabalho intenso da equipe médica do HU no último ano. “A rotina de quem está no CTI de covid-19 é exaustiva. Os pacientes têm um quadro grave, a taxa de mortalidade dos pacientes em ventilação mecânica chega a 60%. Então é muito pesado”, desabafou. “Ter que tomar a decisão de intubar um paciente, ou outros horrores que vemos nas redes sociais, são coisas que acontecem diuturnamente”. As condições de saúde de um paciente de covid-19 exigem atenção permanente da equipe. “A taxa de ventilação mecânica em um CTI é normalmente 30%. Em um CTI de covid-19, de 80% a 100% dos pacientes estão intubados, e quanto mais suportes avançados de vida, maior o trabalho para os profissionais de saúde. Nesse cenário não há perspectiva de descompressão. Se acontecer no Rio o



que está acontecendo no resto do país, vamos passar por muita pressão”. Ventilação mecânica é o suporte oferecido, por meio de um aparelho, ao paciente que não consegue respirar espontaneamente.

Em março do ano passado, a UFRJ montou o Centro de Triagem Diagnóstica (CTD), que funciona em parceria com o Laboratório de Virologia Molecular, e atende a profissionais da rede pública de saúde e a comunidade universitária. “A implementação do CTD mostra que a universidade é capaz de dar uma boa resposta à sociedade”, disse Rafael Galiez, coordenador adjunto da unidade e professor de Infectologia na Faculdade de Medicina.

O CTD funciona no Bloco N do Centro de Ciências da Saúde (CCS). As atividades são mantidas por professores, alunos, técnicos e voluntários de outros centros. Em um ano, já foram feitos mais de 30 mil testes e 25 mil atendimentos. “Respondemos do ponto de vista do acesso ao diagnóstico para os profissionais de saúde que precisaram manter suas atividades durante esse período, e desenvolvendo uma série de pesquisas, o que é o papel da universidade”, contou Rosana, que também mencionou que as amostras coletadas no CTD ajudaram a identificar a variante do coronavírus que tornou-se mais comum no Rio de Janeiro.

Fez diferença a velocidade com que a

UFRJ agiu. Essa é a avaliação de Leôncio Feitosa, coordenador do Complexo Hospitalar. “Antes mesmo de a OMS decretar a pandemia, a reitoria já tinha criado um comitê de crise sobre o coronavírus, que se tornou um grupo de trabalho coordenado pelo professor Roberto Medronho”, explicou.

O GT Coronavírus foi criado em fevereiro do ano passado. Iniciativas como o CTD, a preparação do HU para receber pacientes com covid-19 e as pesquisas de tratamentos e testes diagnósticos começaram a ser discutidas dentro do grupo. “O grande papel da UFRJ é aprofundar o conhecimento e desenvolver linhas de pesquisas para contribuir para o melhor entendimento dessa doença. Produzir conhecimento e oferecer assistência à saúde dos pacientes infectados pelo vírus”, explicou o professor Roberto Medronho, que coordena o GT.

Para Leôncio Feitosa, a UFRJ teve uma atuação exemplar entre as universidades públicas, e mais poderia ter sido feito se houvesse apoio do governo federal. “A UFRJ talvez tenha sido a universidade que melhor agiu no combate à covid-19, justamente pela quantidade de suas frentes de atuação. Abrir dezenas de leitos de CTI específicos para a covid-19 não é pouca coisa. É um feito. Imagina fazer tudo isso e ter um governo apoiando as ações?”, indagou o diretor.

2020 – **150.988 MORTES**
outubro

8 – AdUFRJ apresenta recurso ao Consupi para tentar modificar o calendário letivo. Na proposta do sindicato, o recesso entre 2020.1 e 2020.2 contaria com três semanas, e não com duas, como havia sido aprovado pelo CEG. O colegiado se dividiu, mas negou a mudança por apertados 26 votos contra, 21 a favor e três abstenções

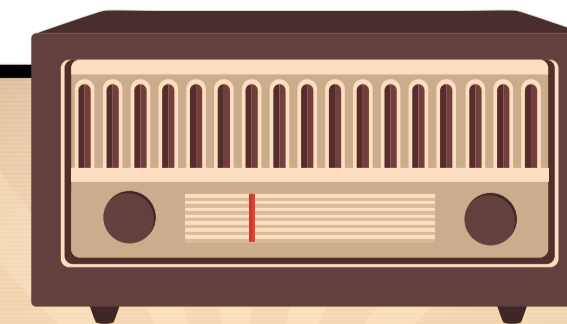


INTERVENTÔMETRO

9 – O ministro Edson Fachin defere liminar contra a intervenção de Bolsonaro nas universidades e institutos federais



19 – UFRJ lança o Guia de Ações e Biossegurança para as atividades presenciais na universidade



16 – Estreia o AdUFRJ no Rádio, o programa dos professores e das professoras na Rádio UFRJ



DEPOIMENTO

GIULIANA FRANCO LEAL
Instituto de Biodiversidade
e Sustentabilidade
(Campus Macaé)

Minha jornada de trabalho profissional começa cedo e termina tarde. No meio dela, tem um longo turno de trabalho não remunerado, em que faço comida, limpo a casa e cuido dos meus filhos



Cinco horas da manhã de uma segunda-feira normal de outubro de 2020. Minha jornada de trabalho profissional começa cedo e termina tarde. No meio dela, tem um

longo turno de trabalho não remunerado, em que faço comida, limpo a casa e cuido dos meus filhos. Hoje preciso terminar o parecer de um artigo antes que as crianças acordem, o prazo está no fim. Sem creche, sem rede de apoio, o jeito é torcer para que elas durmam até o parecer estar pronto. Não foi desta vez. Bom dia, meninos, vamos tomar café da manhã?

Enquanto assistem ao desenho, termino de escrever. Entre limpar um bumbum e separar uma briga de irmãos, preparo slides para a aula da tarde e também o almoço. Pelo whatsapp, vejo as últimas atualizações de um grupo de muitas mães e alguns pais professores da UFRJ. Discute-se como conciliar tra-

balho docente e cuidados com filhos ou com familiares doentes, idosos ou com deficiências. A universidade precisa estar atenta para que essas diferenças entre seus servidores não se transformem em desigualdades; o sindicato também.

Depois de almoçar, lavar a louça e escovar várias fileiras de dentes, sento com as crianças no chão para montar quebra-cabeças. Enquanto inventamos histórias de piratas, esqueço por um tempo os milhares de mortos da pandemia. Depois do banho nas crianças, as deixo com o pai. Começa meu turno dedicado exclusivamente ao trabalho profissional. Preparo o material de apoio da aula e paro para ler notícias. Desanimadoras. Não vou nem comentá-las na aula. Com os alunos, discuto problemas sociais e seus reflexos na área profissional deles e os incito a pensar alternativas. Muitas câmeras fechadas, mensagens no chat, alguns se arriscam no microfone. Conversamos sobre como ser profissionais melhores. Ao fim da aula, uma aluna diz que a quarentena está difícil, mas que nossa aula de segunda-feira tem sido um dos alívios. Sorrio. O dia ainda vai longe, mas já trouxe algumas alegrias no meio do caos. Estamos sobrevivendo, estamos na luta.

Ao fim da aula, uma aluna diz que a quarentena está difícil, mas que nossa aula de segunda-feira tem sido um dos alívios. Sorrio. O dia ainda vai longe, mas já trouxe algumas alegrias no meio do caos

o desafio de

SER SINDICALISTA na pandemia

KIM QUEIROZ
comunica@adufrrj.org.br

A História ensina que a queda de um governo antidemocrático depende da força dos protestos populares, mas como defender a democracia quando não se pode ir às ruas?

Essa é a pergunta que desafia os movimentos sociais e tira o sono dos sindicalistas desde o começo da pandemia.

A necessidade do distanciamento social impôs limites a uma luta historicamente presencial, que precisou repensar suas estratégias para garantir uma efetiva mobilização através das redes sociais. “Isso tem desafiado o movimento sindical brasileiro a buscar alternativas para enfrentar o descalabro sanitário proporcionado pelo atual governo, e para se reinventar frente a uma legislação trabalhista que estimula a ação anti-sindical”, aponta o cientista político José Ricardo Ramalho, professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ.

Antes da pandemia parar o Brasil, os movimentos sociais do setor de educação já vinham desenvolvendo uma sequência de mobilizações. Estudantes, técnicos e professores planejavam uma Greve Nacional para o dia 18 de março, que daria seguimento aos atos bem-sucedidos de 2019, em defesa da universidade pública e da Ciência.

Mesmo com a suspensão dos atos presenciais no #18M, a luta se mostrou resiliente, graças a uma responsabilidade histórica do movimento. “A gente está com a pauta de renovar o sindicalismo docente desde 2015, quando a Tatiana Roque foi eleita presidente da AdUFRJ e foi feita a primeira campanha do Conhecimento Sem Cortes”, lembra Josué Medeiros, diretor da AdUFRJ.

O projeto, renovado em 2017 com a gestão da professora Maria Lúcia Werneck, cresceu com a criação do Observatório do Conhecimento. “Quando veio a pandemia, a gente já tinha esse espírito.

“A gente está com a pauta de renovar o sindicalismo docente desde 2015... Quando veio a pandemia, a gente já tinha esse espírito. Estamos com experiências vitoriosas em campanhas como ‘Educação Tem Valor’, proporcionando, por exemplo, pressão aos deputados e ciclos de debates que possam furar a bolha”

JOSUÉ MEDEIROS
Cientista político



As áreas vinculadas à educação fizeram uma verdadeira chuva de mensagens e pressão, e o Congresso respondeu muito bem”, lembra a professora, em referência à aprovação do novo Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica, na Câmara dos Deputados, em julho de 2020.

As articulações internas, de acolhimento aos trabalhadores, foram igualmente importantes. “Nós oferecemos sala de zoom para reuniões, ampliamos nosso plantão jurídico, focamos na questão da insalubridade, realizamos reuniões do conselho de representantes, dentre outras iniciativas”, exemplifica Josué Medeiros.

Nesse contexto de mudanças no mundo do trabalho, a proteção sindical se faz ainda mais necessária. “O home-office traz novos custos, como contas de luz maiores e pacotes de internet melhores. Esses gastos devem ser reembolsados, e os equipamentos próprios para o exercício do trabalho externo devem ser garantidos”, destaca Neuza Luzia,

coordenadora geral do Sintufrj. Essas novas condições de trabalho também preocupam Sandro Cezar, presidente da CUT-Rio. Segundo ele, a vida é o principal direito dos trabalhadores sendo ameaçado. “Primeiro os sindicatos têm um compromisso inquestionável com a vida. Esse foi o principal papel dos sindicatos, defender a vida dos trabalhadores. Defendemos a atuação inclusive via home-office, nos casos em que os trabalhadores pudessem fazê-lo sem prejuízo da sua vida cotidiana”, finaliza.



8 – Mil dias de impunidade no caso Marielle Franco

2020 – **163.672 MORTES**
novembro

3 – Começam as eleições do Andes. Pela primeira vez na história, de maneira virtual



7 – Chapa 1 (de situação) do Andes vence disputa nacional, mas perde na UFRJ

12 – UFRJ modifica regras para aplicar integralmente as cotas raciais nos concursos docentes



2020 – **185.501 MORTES**
dezembro

2 – AdUFRJ lança o SOS Ensino Remoto – plataforma de suporte aos professores



8 – Primeiras doses da vacina contra a covid-19 começam a ser aplicadas no Reino Unido



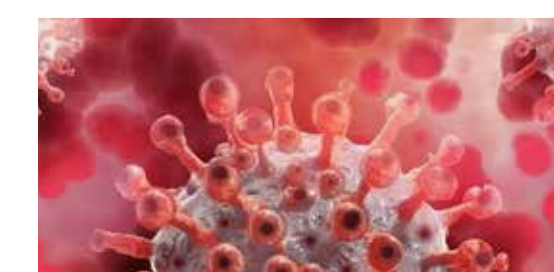
26 – AdUFRJ lança campanha em defesa dos adicionais ocupacionais. A iniciativa buscou identificar quantos professores têm direito ao benefício, mas não recebem os valores. E formular propostas para resolver o problema junto à reitoria.



26 – Morre Diego Armando Maradona



28 – No Dia do Servidor, o Observatório do Conhecimento lança a campanha “Educação tem Valor”. A data também marcou 2 anos desde que Bolsonaro foi eleito presidente e passou a agir sistematicamente contra o conhecimento



22 – Pesquisadores da UFRJ e do LNCC descobrem nova cepa do coronavírus em circulação no Rio



DEPOIMENTO

**BRUNO CLARKSON
MATTOS**
Instituto de Biologia

Esse primeiro período de ensino a distância foi difícil para todos, mas sinto que foi especialmente desafiador para os alunos. A impressão que tenho é que muitos ainda não haviam se adequadado a essa nova realidade



No dia 9 de março de 2020, assinei o contrato para o que seria a minha primeira experiência como docente e, na semana seguinte, as atividades foram paralisadas. Com o avanço da pandemia e a sensação de impotência diante do crescente número de vítimas, assim que a UFRJ anunciou um programa de voluntários para o combate à covid-19, eu aproveitei o vínculo recentemente estabelecido e me cadastrei. Entre abril e julho, trabalhei na força-tarefa de combate à doença, parte no Centro de Triagem e Diagnóstico montado no CCS, parte no Laboratório de Virologia Molecular, fazendo extrações de RNA viral das amostras de swab para os rt-PCRs diagnósticos de Sars-CoV-2.

As atividades foram intensas e me deixaram psicologicamente estafado para estudar e preparar as aulas para o Período Letivo Excepcional, que foi anunciado para começar em agosto. Com o início das aulas remotas se aproximando, seria

impossível conciliar as duas atividades e eu me despedi do voluntariado.

Retomei então os estudos para a construção das aulas e o aperfeiçoamento do uso das ferramentas que viabilizaram o ensino e a comunicação com os alunos. Mesmo contando com a ajuda dos colegas que dividem disciplinas comigo, essa retomada foi um período intenso, com a elaboração e a gravação das aulas e com o desenvolvimento das atividades e avaliações que seriam passadas aos alunos nos meses seguintes. Em novembro, a minha participação no PLE se encerrou com a aplicação das avaliações.

Esse primeiro período de ensino a distância foi difícil para todos, mas sinto que foi especialmente desafiador para os alunos. A impressão que tenho é que muitos ainda não haviam se adequadado a essa nova realidade. A maioria não conseguiu acompanhar o cronograma de aulas assíncronas e, de maneira geral, a frequência deles nas aulas síncronas foi muito baixa. Menos de 10% dos inscritos compareciam. Algumas vezes, nenhum aluno apareceu para a aula.

Não vou esconder que fiquei frustrado de ter a minha primeira experiência como professor na UFRJ em um cenário que exige distanciamento dos alunos e ensino remoto. Mesmo assim, para mim é gratificante, em um momento como esse, ter participado de alguma forma do combate à pandemia e da manutenção do ensino em uma das melhores universidades do país.

Não vou esconder que fiquei frustrado de ter a minha primeira experiência como professor na UFRJ em um cenário que exige distanciamento dos alunos e ensino remoto

o desafio de

SER BRASILEIRO na pandemia

KIM QUEIROZ
comunica@adufjr.org.br

Ser brasileiro na pandemia é experimentar um pesadelo diário que começa com o anúncio do número de mortos e se arrasta entre o medo de adoecer e a revolta pelo descaso das autoridades sanitárias. Em pesquisa feita pelo *Lowy Institute*, da Austrália, que analisou e classificou o desempenho de 98 países na gestão da pandemia, o Brasil ficou em último lugar. No dia 9 de março, com a morte de 1.954 brasileiros em apenas 24 horas, o país ultrapassou os Estados Unidos em número de óbitos diários pela covid-19.

“É uma situação que, sem o apoio e orientação do Estado, não tinha como ser diferente”, explica o cientista político Josué Medeiros, diretor da AdUFRJ. Ele acredita que o comportamento de parte do povo brasileiro, aparentemente anestesiado pela explosão de adoecimentos, não representa um desrespeito generalizado às normas de distanciamento, mas sim uma necessidade de subsistência. “O brasileiro precisa sobreviver. Os dados das pesquisas mostram índices ótimos de resposta sobre vacinação. O problema não está na nossa população, e sim no modo como o governo inviabilizou as condições para que essa população conseguisse se proteger da pandemia”, critica.

A adoção do auxílio emergencial evitou uma contração ainda maior da economia do país, mas a iniciativa foi muito aquém do necessário. “Os auxílios reduzidos propostos pelo governo para 2021 são cruelmente insuficientes”, alega o economista Daniel Conceição, professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ. “Se o governo realmente retomar sua agenda radical de austeridade, teremos um agravamento da crise econômica e uma elevação do desemprego e da miséria a níveis socialmente insuportáveis”, aponta o docente.

Para se esquivar dos números da co-

“Os auxílios reduzidos propostos pelo governo para 2021 são cruelmente insuficientes”

DANIEL CONCEIÇÃO
Professor do IPPUR/UFRJ



vid-19, o governo adotou uma postura negacionista, que alimenta o senso de inferioridade do povo brasileiro. “As declarações de Bolsonaro de que ‘brasileiro anda na vala e não acontece nada’, reforçam esse vira-latismo”, destaca Mayra Goulart, professora de Ciência Política no IFCS/UFRJ. Ela teme o impacto desses discursos na sociedade. “São opiniões pejorativas que têm consequências dramáticas, uma vez que desvalorizam a vida das pessoas. São vidas que supostamente valem menos e merecem menos cuidados”, ressalta.

Professora de Antropologia Social da UFRJ, Adriana Facina descreve que as camadas mais populares ficaram “à deriva”, pois havia uma força política agindo a favor da pandemia. “Não é à toa que a gente vê a pandemia vitimando muito mais a classe trabalhadora do que as

elites, que se encontram em condições muito mais seguras de saúde, moradia, higiene, distanciamento e até mesmo lazer”, comenta.

“A pandemia vem escancarar o caráter necrófilo dos grupos bolsonaristas e de extrema-direita, que já estava se manifestando mesmo antes da covid-19”, reforça o antropólogo José Sérgio Leite Lopes. Professor titular do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, Leite Lopes avalia que a população brasileira na pandemia pode ser caracterizada pela desigualdade social extrema. “Enquanto uma parte da população pode trabalhar e estudar de casa através do acesso à informática, a outra parte majoritária é obrigada a se deslocar para locais habituais de trabalho passando por situações de aglomeração”, completa.

2021 – **215.056 MORTES**

janeiro

14 - Estoura o colapso em Manaus. Doentes de covid morrem sem oxigênio. Só nos primeiros dias de janeiro, 1.654 pessoas perderam a vida no estado



16 - Governo Federal envia 70 mil metros cúbicos de oxigênio para o Amazonas. Ministro foi alertado que faltaria o insumo uma semana antes do colapso

17 - A Anvisa aprova o uso emergencial das vacinas Coronavac e de Oxford. São Paulo inicia a vacinação



18 - Ministério da Saúde distribui doses da Coronavac pelo país, Rio de Janeiro e São Paulo começam a vacinar idosos



2021 – **252.988 MORTES**

fevereiro

5 - Em decreto, Bolsonaro transfere aposentados das universidades, institutos e autarquias para o já combatido INSS

6 - UFRJ inaugura postos de vacinação drive-thru no Fundão, na Praia Vermelha e no Sambódromo



21 - Segunda carreta “Fora, Bolsonaro” acontece em diferentes cidades do Brasil. A AdUFRJ mais uma vez participa do ato do Rio de Janeiro



23 - Observatório do Conhecimento promove o debate “Economistas pensam a universidade” como parte da campanha “Educação tem Valor”. Participam Armínio Fraga (Ex-presidente do Banco Central), Laura Carvalho (USP), Esther Dewck (UFRJ), Monica de Bolle (Peterson Institute/ John Hopkins) e André Lara Resende (ex-presidente do BNDES)

24 - Brasil alcança 250 mil mortes provocadas pela covid-19. No mesmo dia, Bolsonaro faz live em que critica o distanciamento social e usa dados distorcidos para criar fake news sobre uso de máscaras

25 - 1.582 mortes em 24 horas, mais um triste recorde da pandemia

25 - UFRJ divulga resultados preliminares da pesquisa de impacto da covid-19 na comunidade acadêmica

PROFESSOR, PRESENTE!

Nesse um ano de pandemia, muitos professores da UFRJ entraram na triste lista das vítimas da covid-19. A AdUFRJ se solidariza com as famílias e os amigos desses professores. Seus nomes, listados nesta página, representam também nossa homenagem a alunos, técnicos e funcionários que deixaram uma lacuna na nossa comunidade universitária, levados pela doença que já matou quase 300 mil brasileiros.

JOÃO SOARES DE LIMA
FACULDADE DE LETRAS



FREDERICO ANTONIO MAROTTI
ENGENHARIA ELÉTRICA



SÉRGIO SANT'ANNA
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO



LEA DE FREITAS PEREIRA
RADIOLOGIA



CARLOS LESSA
INSTITUTO DE ECONOMIA



MARIA HILDA XAVIER GOUVEIA DE OLIVEIRA
FACULDADE DE LETRAS



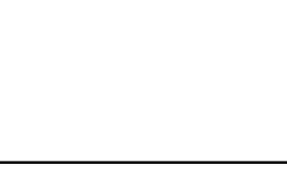
LUIZ ANTONIO MACHADO DA SILVA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS



MARIA RITA PENHA DA MATA MACHADO
APOSENTADA



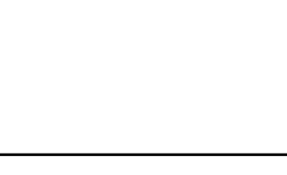
LÉCIO LUIZ AMARAL DO PATROCÍNIO
MEDICINA - MACAÉ



CARLOS ALBERTO SOARES
APOSENTADO



FÁBIO CUIABANO
FACULDADE DE MEDICINA / HU



WILSON CHAGAS DE ARAÚJO
MICROBIOLOGIA



JOSÉ LUIZ REZENDE PEREIRA
ESCOLA POLITÉCNICA

51 CAPAS DA PANDEMIA





DEPOIMENTO

ALESSANDRA NASCIMENTO
Colégio de Aplicação (CAp)

Eu atuo com uma turma de primeira série do Ensino Fundamental, estamos em pleno período letivo, que vai até o dia 9 de abril. São 16 alunos de seis e sete anos que estão aprendendo a ler e a escrever. Gosto muito de trabalhar com essa série, me sinto confortável, tenho experiência de alguns anos com esse segmento de alfabetização. Começamos presencialmente, lá em março do ano passado, construindo nossos laços, conhecendo as crianças, fazendo o diagnóstico de cada aluno para construir nosso projeto. Mas, em três semanas de aula, tudo parou.

Ou melhor, pararam as aulas presenciais, porque nosso trabalho continuou, e de forma intensa. Fizemos várias reuni-

ões e mantivemos um princípio básico do CAp, que é o de não deixar nenhum aluno para trás. Decidimos que não começaríamos nenhuma atividade sem que tivéssemos a certeza de que todos os nossos alunos tivessem acesso ao ensino remoto. Fizemos um mapeamento para saber a situação de cada um: se tinha computador, celular, acesso à internet. E nisso o edital de inclusão digital da UFRJ foi fundamental, pois garantiu esse acesso.

Em paralelo, mesmo sem contar como carga horária, fizemos o que chamamos de encontros de acolhimento. Com tantas mortes diárias por covid-19, queríamos saber como estavam os alunos e suas famílias. Foram encontros semanais e virtuais, a partir de julho. Especificamente

na minha série, a gente propôs um projeto, em vigor até hoje, de protagonismo infantil. Para que cada aluno pudesse expressar suas emoções diante da pandemia, as perdas na família, as necessidades em casa. A partir de setembro, retomamos o ano letivo de 2020, com encontros síncronos diários de uma hora e vinte minutos, e atividades assíncronas para cumprir em casa. Nesse momento de isolamento, esse tempo em que ficamos com eles ajuda muito para que não se sintam distantes, sozinhos e tristes.

Muitas são as angústias, muitas são as fragilidades. Mas eu acredito que a gente fez o que deveria ter feito e estamos fazendo o melhor que podemos fazer. Tem dias que eu fico muito triste, choro, me sinto incapaz,

impotente. Quando um aluno meu não consegue ler e chora, se eu estou ao lado, consigo lidar com isso, contornar a situação. Mas na distância, não. Mesmo assim, temos feito coisas muito bacanas nas aulas remotas. Construímos com eles uma rotina. Em termos pedagógicos, o maior ganho talvez tenha sido a possibilidade de trabalhar interdisciplinarmente. Eu atuo com as disciplinas de Português, História e Geografia. E passei a dar aulas em conjunto com a professora de Educação Física. Planejamos juntas as abordagens, criando diálogos e contemplando os conteúdos que precisamos cumprir. Isso tem sido muito legal. Mas estou muito ansiosa pelo retorno. A esperança é que seja em breve e com segurança.

o desafio de

TER ESPERANÇA na pandemia

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

O verbo é esperar. Como é possível ter uma mensagem otimista diante do caos social, humanitário e econômico que passa bem diante dos nossos olhos? É difícil enxergar um alento, mas ele existe a cada ação desempenhada por pessoas — voluntárias ou profissionais — que atuam no combate à pandemia. E nas que recebem a vacina. Aos 72 anos e vacinado, o médico Leôncio Feitosa coordena o Complexo Hospitalar da UFRJ. Sua experiência de vida e de atuação na saúde nos ensina a olhar o mundo sob múltiplas perspectivas.

“Este é um ano de tristeza, são quase 300 mil mortos. Temos um governo inoperante, com um grau de iniquidade muito grande, negacionista. Mas o sentimento não é só de pessimismo”, ele diz. “Há um misto de satisfação pelo fato de a UFRJ ter tantas ações que mostram a universidade pujante”.

Uma dessas ações de impacto é a vacinação no Rio de Janeiro. A UFRJ coordena três postos drive-thru, em que

a pessoa recebe a dose do imunizante no carro. Um deles é na Praia Vermelha, outro funciona no Fundão e, um terceiro, no Sambódromo. “A contribuição dos voluntários no drive-thru é fenomenal”, orgulha-se o médico. “Os postos são um sucesso. Mas falta vacina. Estamos com 5% da população (da cidade) vacinada, mas poderíamos estar com 30%, e já haveria redução importante no impacto da doença nos hospitais”.

A coordenadora dos postos é a professora Carla Araújo, diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery. Em sua equipe ela conta com 2.510 alunos voluntários de diferentes cursos e períodos, prontos a contribuir para a imunização da sociedade. “A vacinação vem como alento num mar de dor. A gente vê muito isso nos drive-thrus. Na semana passada, um senhor de 86 anos nada falava, mas quando aplicamos a vacina, ele chorou. Vimos ali a esperança, a vacina como possibilidade de manter-se vivo”, lembra a docente. “Neste contexto em que estamos vivendo, estar vacinado faz toda a diferença”.

A AdUFRJ fez uma campanha de auxílio a docentes sindicalizados de 80 anos ou mais para levá-los aos postos de vacinação, na primeira fase da imunização. Foram contactados cerca de 150 sindicalizados. “Eles ficaram muito



surpresos e gratos, mas as famílias já estavam providenciando a locomoção e não foi preciso nossa atuação”, conta Belini Souza, funcionário do sindicato. “Somente uma, que morava sozinha, precisou de apoio. Chegamos a agendar o serviço, mas um dia antes ela caiu e acabou sendo vacinada em casa”, revela. A docente passa bem.

Aos 90 anos, o professor emérito Edwaldo Cafezeiro, um dos idealizadores da AdUFRJ, conta a emoção em receber o imunizante. “Eu me senti muito bem, aliviado. Estava com receio de não ter a vacina”, lembra. Totalmente imunizado,

o docente continua se cuidando e deixa um recado. “Eu recomendo que todas as pessoas tomem a vacina para que tenhamos segurança e para que essa doença acabe logo”.

Alívio e esperança também são sentimentos que embalam o professor e ator José Steinberg. Ele recebeu a segunda dose da vacina no dia 16 de março, um ano após o início da quarentena no Brasil. “Tirei uma preocupação de mim. Tenho 88 anos e outras doenças, então estou muito aliviado”, conta o docente aposentado da Faculdade de Letras. “Embora a gente saiba que a vacinação não foi organizada como deveria, é um momento de todos fazerem o esforço de irem procurar a vacina”.

A esperança é uma via de mão dupla e a gratidão não é só dos vacinados. “É uma satisfação poder levar à população uma oportunidade mais eficaz de se proteger do vírus. Faz parte da função social da universidade e nossa, como servidores e profissionais de saúde”, avalia a professora Carla Araújo.

O momento também é de aprendizado. “Para os estudantes, é uma oportunidade maravilhosa. Um exercício de cidadania. Uma formação que está para além da academia. Atendemos pessoas com Alzheimer de diferentes perfis — prostrados, sem expressão, agressivos. Eles aprendem a humanização do cuidado”, exemplifica. “Trazer para esses estudantes a importância de medidas desenvolvidas na atenção primária e como elas reduzem os impactos e custos na saúde secundária e terciária, é algo fundamental”, afirma. “Eles estão ajudando a população e, por outro lado, estão adquirindo vivências, experiências que jamais teriam em sala de aula”.

2021 – 287.499 MORTES*

*Até 18/03/2021 - números do Ministério da Saúde

março

3 – Tuitaço contra os cortes na Educação mobiliza a sociedade. Atividade foi organizada pela Adufrrj e pelo Observatório do Conhecimento e entrou para os trending topics do Twitter

3 – Outro fúnebre recorde: 1.910 mortes em 24 horas. Uma a cada minuto no Brasil

4 – Bolsonaro dispara: “Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?”

4 – “Só se for na casa da sua mãe”, responde o presidente da República sobre compra de vacinas contra a covid-19

9 – Em novo recorde, 1.972 pessoas morrem de covid-19 em 24 horas. É o terceiro pico de mortes registradas em toda a pandemia, só nos primeiros dias de março



10 – Lula livre das condenações da Lava-jato faz pronunciamento à nação

15 – Pazuello cai. Marcelo Queiroga é indicado para ministro da Saúde, o 4º na pandemia. Brasil se aproxima dos 300 mil mortos e é o 2º país em número de casos e de óbitos no mundo, atrás dos Estados Unidos

17 – A média móvel de óbitos supera 2 mil vítimas, o maior número desde o início da pandemia

17 – UFRJ anuncia a participação em coalizão nacional para acelerar a obtenção de vacinas e a imunização da população.

